ISSN: 2358-8829

A POÉTICA DA RESISTÊNCIA EM *ABYAYALA MEMBYRA NHE'NGARA - CÂNTICOS DE UMA FILHA DA TERRA*[1]

Elizabeth Gonçalves dos Santos [2]
Maria Suely da Costa[3]

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a construção da imagem dos povos indígenas na literatura foi realizada a partir da perspectiva do não indígena, responsável por favorecer a visão do colonizador sobre esses povos, tornando amplamente conhecida uma imagem distorcida e preconceituosa de sua identidade cultural. Além de desconsiderar toda a diversidade que integra os povos originários brasileiros, os quais resistiram bravamente à tentativa de de apagamento de sua identidade, língua e cultura, ao longo do processo de colonização.

Por essa razão, a literatura escrita por autores pertencentes aos povos originários representa um importante meio de desconstrução de preconceitos e estereótipos sobre esses povos, por carregar a autorrepresentação indígenas, exprimindo seus anseios, memórias e experiências. Assim,

> O que antes era uma 'arma' contra passa agora a ser uma 'arma' favorável ao indígena, uma ferramenta que possibilita sua expressão imaginativa, comunicativa e também um instrumento político para a divulgação e valorização de sua cultura, seus costumes e, acima de tudo, de seus direitos. (Guesse, 2013, p. 02)

Ao assumir o território simbólico da literatura, esses autores contribuem com produções que constituem um instrumento valioso na luta por seus direitos e preservação de sua identidade, cultura e ancestralidade. Além de permitir ao não indígena o contato com sua cosmovisão através da literatura, favorecendo a desconstrução da "[...] representação equivocada sobre seus saberes e tradições, ao mesmo tempo em que se propõem dialogar, participar, construir uma nova relação com a sociedade não indígena" (Dorrico, 2018, p. 228).

---

[1] Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Iniciação Científica, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.
[2] Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, elizabethgd3s@gmail.com
[3] Professora Dra. do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; suelycosta@servidor.uepb.edu.br

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, a literatura torna-se uma relevante aliada na promoção de práticas pedagógicas inclusivas, que respeitem as vivências do povos originários e estejam em concordância com à Lei 11.645/08, que determina o ensino da história e cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas, na educação básica. Considerado a dimensão humanizadora da literatura, compreendida por Candido (2002, p.82) como "algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem".

Partindo desse entendimento, objetivamos identificar como a construção da identidade indígena atua enquanto forma de resistência cultural na poesia de Eva Potiguara. Para tanto, analisamos a partir de uma perspectiva decolonial os poemas: "Identidade indígena", "Mátria amada" e "Meus ancestrais", que compõem à obra *Abyayala Membyra Nhe'ngara – Cânticos de uma filha da terra* (2022), de Eva Potiguara. Por meios dos quais, observamos as ideias de pertencimento, identidade, ancestralidade, atrelada aos povos originários e como sua expressão no fazer poético confronta os modelos coloniais e patriarcais, ao atuar em defesa dos saberes ancestrais. Além disso, procuramos contextualizar a obra de Eva Potiguara na literatura indígena contemporânea; bem como refletir acerca das contribuições da adoção da literatura indígena em contexto educacional para a valorização da identidade, cultura e ancestralidade dos povos originários.

Quanto à fundamentação teórica, recorremos aos estudos de Graúna (2020), Dorrico (2018), Candido (2002), Guesse (2013), entre outros, que nos auxiliaram nas nossas discussões. E adotamos os paradigmas da pesquisa qualitativa que "[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc." (Silveira; Córdova, 2009, p.31), acerca do objeto de estudo. Além de apresentar cunho analítico, interpretativo, descritivo e exploratório de natureza bibliográfica, sendo desenvolvida a partir de matérias previamente publicadas.

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UEPB); tem uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativo, de natureza bibliográfica, descritiva e exploratória. Desenvolvida, à luz de uma perspectiva decolonial, com base na análise dos poemas: "Mátria amada" (Potiguara, 2022, p. 32), "Meus ancestrais" (Potiguara, 2022, p. 45) e "Identidade indígena" (Potiguara, 2022, p. 62), que compõem à obra *Abyayala Membyra Nhe'ngara – Cânticos de uma filha da terra* (2022), de Eva Potiguara, indígena do povo potiguara localizado em Baía Formosa, Rio Grande do Norte.

ISSN: 2358-8829

A partir disso, buscamos contextualizar a obra de Eva Potiguara na literatura indígena contemporânea, entendendo a importância da literatura na construção representação da identidade indígena e do contexto sócio-histórico cultural. Em seguida, identificamos como as ideias de identidade, pertencimento e ancestralidades representadas nos poemas analisados contribuem para a afirmação da identidade indígena, ao mesmo tempo em que confrontam as estruturas de poder coloniais e patriarcais, em defesa dos saberes ancestrais, caracterizando o fazer poético como uma forma de resistência.

Por fim, refletimos sobre a adoção da literatura indígena em práticas educativas alinhadas à lei 11.645/08, a partir de uma perspectiva decolonial, na valorização identidade, cultura e saberes ancestrais dos povos originários. Para isso, recorremos aos estudos de Graúna (2020), Dorrico (2018), Candido (2002), Guesse (2013), Holanda (2024), Kaiowá, (2023), entre outros, que embasaram nossas discussões.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, a colonização caracterizou-se pela invasão do território pelo colonizador com o propósito de explorar suas riquezas e dominar os povos nativos impondo a estes sua língua, cultura e religião com pretexto de "civilizar" esses povos, ao passo que, buscava confirmá-los aos padrões europeus. Segundo Kaiowá (2023), esse regime administrativo de dominação ficou conhecido como colonialismos e o discurso adotado pelos colonizadores para subjugar os povos colonizados, encobria a violência de um processo que buscou exterminar os povos indígenas e apagar sua língua, identidade e cultura, por enxergar os povos originários como empecilho aos seus planos de exploração do território brasileiro.

Atualmente, anos após a conquista da independência, ainda é possível notar a persistência de muitas das ideias que sustentaram a dominação do colonizador sobre a ex-colônia. Essas ideias permanecem interferindo na forma como pensamos, agimos e nos relacionamos com as outras pessoas e com o conhecimento, além de garantir que mazelas como a desigualdade social, machismo e racismo, sigam atuantes em nossa sociedade. Para Holanda (2024), esse fenômeno denominado colonialidade estabelece uma nova forma de dominação sobre aspectos políticos, pedagógicos e epistemológicos, favorecendo a lógica de poder do colonialismo conceituada pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) como "colonialidade do poder".

Dentre essas ideias advindas do colonialismo, que permanecem no imaginário coletivo, encontra-se a figura do "índio" geralmente relacionada a conotação pejorativa de

ISSN: 2358-8829

alguém “[...] preguiçoso, indolente, primitivo, selvagem, atrasado ou mesmo canibal, além do fato de ignorar toda a diversidade presente entre os povos indígenas.” (Kaiowá, 2023, p. 03). Pois, cada etnia indígena possui sua própria língua, história e cultura. Assim, em respeito à diversidade e reconhecimento de que esses povos já habitavam território antes da invasão portuguesa, devemos usar os termos povos indígenas ou povos originários para nomeá-los.

Além disso, afirmações como o “indígena é preguiçoso”, encobre o desrespeito a sua lógica de trabalho, na qual não se busca trabalhar até o esgotamento visando o acúmulo de riquezas, entendendo a importância do equilíbrio entre trabalhar e viver. Do mesmo modo que, alegações como “os povos indígenas possuem muitas terras”, omitem o verdadeiro interesse na exploração do território, por enxergarem os recursos naturais como fonte de lucro, enquanto indígenas entendem que a natureza e o ser humano estão conectados em uma relação de dependência mútua.

Ademais, é importante ressaltar que a identidade indígena, da mesma forma que qualquer outra, não permanece cristalizada no tempo, pois enfrenta mudanças à medida que se relaciona com a sociedade em que está incluída. Esse pensamento dialoga com a concepção de Hall (2006), em que a identidade não possui caráter estático, acompanhando mudanças históricas e sociais, que exercem influência em sua transformação. Por isso, um indígena que mora na cidade, ou que possui formação acadêmica não deve ser considerado menos indígena, uma vez que, "A identidade de cada um é revelada pelo lugar que se pertence” (Kaiowá, 2023, p. 07).

Esse mecanismo de dominação herança do colonialismo, que permanece exercendo influência na sociedade contemporânea está vinculado ao ideal de modernidade, pois a busca pela modernidade encobre ideologias que alimentam a colonialidade. Por essa razão, “[...] não tem como pôr fim à colonialidade sem superar o processo civilizatório da modernidade” (Holanda, 2024, p. 29).

Nesse sentido, para romper com esse pensamento, que coloca os povos colonizados como subalternos em relação ao colonizador, é preciso questionar a desvalorização tudo o que está ligado à ex-colônia, no que se refere a seus saberes, cultura, identidade e concepção de mundo, em oposição à valorização da cultura do colonizador. Isso porque, há uma hierarquia que privilegia os conhecimentos eurocêntricos e despreza a legitimidade de outros saberes produzidos por povos historicamente marginalizados como afrodescendentes, mulheres e indígenas. Uma forma de romper com a centralidade epistemológica eurocêntrica é a adoção de um pensamento decolonial, entendido como “[...] o desmonte da estrutura da colonialidade

ISSN: 2358-8829

do poder, do eurocentrismo e da obediência epistêmica e política do projeto civilizador moderno" (Holanda, 2024, p.31).

Assim, reconhecemos a importância de conhecer e compartilhar outros saberes e promover a descentralização do conhecimento. A partir dessa perspectiva, nos propomos a estudar a literatura indígena contemporânea reconhecendo seu potencial para contesta a versão oficial dos fatos, ao romper com o silenciamento impostos ao povos originários e denunciar todas as violências processo de colonização, ao mesmo tempo em que preserva identidade, cultura e ancestralidade dos povos indígenas. Sendo escrita a partir dos saberes transmitido de geração para geração pelos anciãos da aldeia. Para Márcia Kambeba (2018, p. 40), tais produções,

> Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade [...] está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade.

Essa escrita constitui um importante meio de reivindicação de seus direitos, conforme ressalta Graça Graúna (2020, p. 19), "Ao escrever, / dou conta da minha ancestralidade;/ do caminho de volta,/ do meu lugar no mundo". Pois, essas produções contribuem na reapropriação simbólica desse território historicamente negado aos povos originários. Diante disso, a escrita representa meio de reafirmação de sua identidade e preservação de sua ancestralidade, memórias e tradições. Além de possibilitar o contrato do não como essa herança cultural através da literatura.

Apesar da forte ligação com a tradição oral expressa nessas produções, que preservam as memórias tradicionais indígenas, a escrita não desempenha o papel de substituta da tradição oral. Conforme pontua Daniel Munduruku (2018, p. 83),

> Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar esse fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não é atualizada. É preciso notar que a memória procura dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma delas [...].

Nesse cenário, a literatura indígena contemporânea surge como uma forma de compartilhar as vivências, afirma a identidade e pertencimento, ao confrontar as estruturas de poder coloniais e patriarcais, em defesa de seus saberes ancestrais. Dentre essa produção destacamos *Abyayala Membyra Nhe'ngara – Cânticos de uma filha da terra* (2022), de Eva Potiguara, cujos poemas "Mátria amada" (Potiguara, 2022, p.32), "Meus ancestrais" (Potiguara, 2022, p.45) e "Identidade indígena (Potiguara, 2022, p.62)" são objetos de nossa análise.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *Abyayala Membyra Nhe'ngara – Cânticos de uma filha da terra* (2022), de Eva Potiguara, reúne 46 poemas, organizados em quatro seções intituladas: "Cânticos de fogo", "Cânticos da terra", "Cânticos da água" e "Cânticos do vento", que demonstra uma forte ligação com a natureza. Essa composição dialoga com a cosmovisão indígena, na qual, segundo Ribeiro (2020), os elementos da natureza como plantas, rios, animais e as pessoas encontram-se conectados por uma relação de interdependência.

Nos três "Mátria amada" (Potiguara, 2022, p.32), "Meus ancestrais" (Potiguara, 2022, p.45) e "Identidade indígena" (Potiguara, 2022, p.62), objeto de nossa análise, é possível observar como os aspectos de pertencimento, identidade ancestralidade, confronta os modelos coloniais e patriarcais, ao atuar em defesa dos saberes ancestrais, representando uma forma resistência cultural, conforme veremos a seguir.

Mátria amada

Não podes, ó Pátria armada,
Ver contente a Mãe gentil.
Roubaram-lhe a liberdade
Da tua Mátria varonil.
Estuprada e amordaçada,
Ela agoniza em solo ardil.

A brava gente pindorama,
Batizada brasileira,
Ganhou esse apelido
Por derrubar o pau-brasil.
Assim ficaram conhecidos
Os filhos do Brasil.

Os nativos "negros da terra",
Oprimidos e massacrados
De norte a sul do Brasil.
Muitos povos aniquilados
Tiraram suas vidas,
Outros foram escravizados.

Cinco séculos de opressão,
De norte a sul do Brasil
Impera o racismo e a usurpação.
A Mátria amada gentil
É toda a Pachamama
E não apenas o Brasil.

Nosso levante é resistência

ISSN: 2358-8829

Por liberdade e demarcação.
Todas as cores pedem justiça,
Reflorestamento e preservação.
Pela mátria amada salve, salve!
Respeitem nossa constituição!

(Potiguara, 2022, p. 32)

A adoção do título "Mátria amada" evoca o movimento de transgressão poética da expressão "Pátria amada" do Hino Nacional brasileiro. Essa escolha pode ser percebida como um tipo de substituição simbólica do termo "pátria" por "mátria", representando uma releitura histórica dos acontecimentos do período colonial a partir da perspectiva indígena. Nesse sentido, a voz poética rompe com o silenciamento imposto, ao denunciar as violências coloniais e a continuidade de algumas formas de dominação herança do colonialismo.

Em seus primeiros versos "Não podes, ó Pátria armada,/ Ver contente a Mãe gentil./ Roubaram-lhe a liberdade/ Da tua Mátria varonil./ Estuprada e amordaçada,/ Ela agoniza em solo ardil" (Potiguara, 2022, p. 32), pode-se notar a representação da terra como uma figura feminina que sofre opressão e violências, advindos do sistema do período colonial dominador. Tem-se esse enquadramento simbólico de opressão e transgressão de direitos, ao promover essa aproximação entre exploração do território e a dominação patriarcal que buscou restringir ou tirar a liberdade.

Nos versos "A brava gente pindorama,/ Batizada brasileira,/ Ganhou esse apelido/ Por derrubar o pau-brasil./ Assim ficaram conhecidos/ Os filhos do Brasil" (Potiguara, 2022, p. 32), percebemos a reafirmação do caráter originário dos povos indígenas, que habitavam o território antes da invasão portuguesa, deixando claro a imposição do "apelido de brasileiro", e destacando que o território, antes conhecido como "Pindorama", fora rebatizado de Brasil. Desse modo, torna-se evidente uma tentativa de apagamento da identidade indígena, através da dominação dos povos e exploração do território por parte do colonizador que possibilitou, aos povos originários "ganhar o apelido e assim ficarem conhecidos".

Na sequência, os versos" Os nativos "negros da terra",/ Oprimidos e massacrados/ De norte a sul do Brasil/ Muitos povos aniquilados" (Potiguara, 2022, p. 32) dão foco a violência sofrida pelos nativos no período colonial, o que causou à morte de muitos indígena. Diante disso, a utilização da expressão "negros da terra" empregada pelos colonizadores portuguses para designar os indígenas escravidados durante o periodo de colonização no Brasil, evoca a vilência desse processo que oprimiu e roubou a liberdade de muito indígenas. Tem-se aqui uma espécie de denúncia de aspectos omitidos da narrativa oficial, possibilitando uma revisão

ISSN: 2358-8829

histórica dos acontecimentos da perspectiva indígenas, não permitindo que as atrocidades cometidas sejam esquecidas.

Em seguida, nos versos "Cinco séculos de opressão,/ De norte a sul do Brasil/ Impera o racismo e a usurpação" (Potiguara, 2022, p. 32), revela-se que mesmo após o término do período colonial, ainda é possível notar a persistência de resquícios de seus ideais. Em contrapartida a isso, nos versos "A Mátria amada gentil/ É toda a Pachamama/ E não apenas o Brasil" (Potiguara, 2022, p. 32), o eu lírico reafirma a percepção indígena do território brasileiro caracterizando uma figura feminina, que supera a dimensão mateira do território, ao resgatar a cosmovisão indígena sobre a Mãe Terra simbolizada pela entidade sagrada "Pachamama" responsável pela a vida, fertilidade e equilíbrio da natureza, elementos estes que orientam as noções do ecologismo (Matos, 1997).

Nos versos que encerram o poema "Nosso levante é resistência/ Por liberdade e demarcação./ Todas as cores pedem justiça,/ Reflorestamento e preservação./ Pela mátria amada salve, salve!/ Respeitem nossa constituição!" (Potiguara, 2022, p. 32), o fazer poético assume uma postura mais enfática de resistência, caracterizando alguém que não acomoda a condição de vítima, nem permite que essa violência roube sua voz, transformando as memórias da violência em combustível para resistir e reafirmar sua identidade, na luta por seus direitos e defesa da natureza. Assim, a expressão "respeite nossa constituição", apresenta dois sentidos: respeitar o que compõe nossa identidade, enquanto povos originários, e respeitar os direitos enquanto cidadãos, assegurados pela constituição brasileira.

Essa construção poética, que expõe as violências do regime colonial, ao mesmo tempo que afirma sua identidade, também pode ser observada no poema a seguir.

Meus ancestrais

Meus ancestrais
Vivem em mim.
Na poesia das estações,
Nas montanhas irmãs,
Abraçadas às pedras
Esculpidas pelo tempo,
Pelo sangue
Que jorra sem fim.

(Potiguara, 2022, p. 45)

Em "Meus ancestrais" o fazer poético retrata a identidade indígena associada a ideia de ancestralidade, demonstrando uma estreita ligação com a natureza como parte integrante de

ISSN: 2358-8829

sua identidade cultural. Assim, quando a voz poética indigena declara “Meus ancestrais/ Vivem em mim” (Potiguara, 2022, p. 45), torna-se evidente o papel desempenhado pela ancestralidade na manutenção do vínculo com aquele que vinham antes, suas memórias, saberes e práticas culturais, garantindo que essa ligação permaneça viva e atravesse gerações.

Na sequência, os versos “Na poesia das estações,/ Nas montanhas irmãs” (Potiguara, 2022, p. 45), nota-se que esse vínculo com a ancestralidade estende-se à natureza, vista como parte constitutiva da identidade indígena, pois, a expressão “montanha irmãs” revela o entendimento de que para os povos indígenas, não há separação entre a natureza e o ser humano, configurando uma relação de interdependência, na qual entende-se a natureza como elemento essencial para a vida. Em oposição a essa percepção, para o não indigena há uma separação clara entre o ser humano e a natureza.

Já nos versos que encerram o poema “Abraçadas às pedras/ Esculpidas pelo tempo,/ Pelo sangue/ Que jorra sem fim” (Potiguara, 2022, p. 45), tem-se a reafirma dessa ligação com a natureza que compartilha as memórias das violência do período colonial, pois, assim como os povos indígenas, carrega as marcas da opressão e exploração do colonizador. Além disso, a construção poética da imagem do “sangue que jorra sem fim” remete às memórias de muitas vidas tomadas pela violência desse processo colonial. Por isso, esse sangue que corre nas veias das novas gerações, carregando as memórias da violência colonial é o mesmo que constitui a identidade indígena hoje, ligada à luta pela preservação do meio ambiente.

Essa perspectiva de afirmação da identidade indígena, construída a partir da ideia de ancestralidade, também pode ser observada no poema a seguir.

Identidade indígena

Ser indígena não é folclore
É honrar os ancestrais.
Retornar à terra -mãe,
Como sementes essenciais.
Renascer todas as manhãs,
Como o sol nos milharais.
É recriar o amor à vida
Em novas leis matriarcais.

Não luto por dinheiro e fama,
Não sou indígena por tradição,
Tenho no sangue as memórias
Das dores e crimes da invasão,
Pelas florestas que agonizam.
Pela justiça da demarcação,
Enfrento o algoz patriarcado,
Exijo descolonização.

ISSN: 2358-8829

Sou indígena além do tempo
Meu presente está no passado,
Meu passado está no presente.
Em cada ciclo vital sagrado,
No fogo, na pedra, no fruto e mar,
Em cada irmão Tupi encantado.
Meu futuro faz na memória
Do meu povo Poti amado.

(Potiguara, 2022, p. 62)

Nos versos "Ser indígena não é folclore,/ É honrar os ancestrais" (Potiguara, 2022, p. 62), ressalta a construção da identidade indígena a partir de uma relação com a ancestralidade, as memórias e as tradições de seu povo, rejeitando a redução de sua identidade cultural a expressões folclóricas e estereotipadas. Nesse cenário, o eu lírico afirma seu pertencimento, ao mesmo tempo que reivindica seus direitos e exprime sua preocupação com a natureza percebida nos versos "Pelas florestas que agonizam./ Pela justiça da demarcação,/ Enfrento o algoz patriarcado,/ Exijo descolonização" (Potiguara, 2022, p. 62), em que a voz poética assume um caráter político ao reivindicar o reconhecimento da condição originária dos povos indígenas e seus direitos sobre o território brasileiro, entendido não como um recurso a ser explorado, mas um elemento fundamental à vida.

Além disso, ao declarar "Enfrento o algoz patriarcado,/ Exijo descolonização" (Potiguara, 2022, p. 62), o eu lírico questiona as estruturas de dominação coloniais e patriarcais, responsáveis por impor a condição de subalternos povos indígenas para apropriando-se de seus do território e deslegitimando seus saberes ancestrais. Assim, o eu lírico rompe com essa lógica e afirma sua identidade, promovendo a valorização de seus saberes ancestrais empregados no fazer poético.

Por fim, nos versos "Meu passado está no presente./ [...] Meu futuro faz na memória/ Do meu povo Poti amado." (Potiguara, 2022, p. 62), observa-se a representação da continuidade das memórias, tradições culturais e crenças, que integram a ancestralidade indígena, as quais são transmitidas por gerações, fortalecendo os vínculos de identidade e pertencimento. Essa postura poética do eu lírico sinaliza a força de povos que entende a importância do passado na construção do seu futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, a análise dos poemas "Identidade indígena", "Mátria amada" e "Meus ancestrais", que compõem à obra *Abyayala Membyra Nhe'ngara – Cânticos de uma*

filha da terra (2022), de Eva Potiguara, possibilitou compreender como a construção da identidade indígena constitui uma forma de resistência cultural, na poética da autora. Assim, ao adotarmos uma perspectiva decolonial, foi possível notar como Eva emprega as ideias de pertencimento, memória e ancestralidade vinculada aos povos originários, em sua construção poética para afirmação da identidade indígena e denúncia das violências do período colonial possibilitando uma revisão histórica dos acontecimentos sob a ótica indígena.

Nesse sentido, a obra de Eva Potiguara contribui de maneira significativa para a valorização dos saberes e ancestralidade dos povos indígenas, pois, configura uma poética da resistência, em que a escrita exerce a função de defesa das suas memórias, seus saberes e ancestralidade contra a tentativa de pagamento da colonização. Desse modo, estamos diante de uma obra que expressa a autoria e o protagonismo indígena, sendo capaz de desconstruir estereótipos e preconceitos associados aos povos originários, além promovendo uma visão que respeita a sua diversidade e a especificidade de cada etnia, possibilitando o contato do não indígena com essa herança cultural.

Por fim, esperamos que essa pesquisa contribua para discussões que fomentem a adoção da literatura indígena em práticas educacionais alinhadas a lei 11.645/08, visando a valorização da cultura, ancestralidade e saberes dos povos originários, na formação de leitores críticos, capazes de questionar as estruturas de poder coloniais e patriarcais, resquícios do colonialismo na sociedade. Contribuindo assim, para uma educação mais inclusiva que valoriza e respeita a história, cultura e diversidade dos povos originários brasileiros, ao trabalhar a literatura de maneira contextualizada a partir de uma perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Literatura indígena, Identidade cultural, Perspectiva decolonial, Eva Potiguara.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 2002.

DORRICO, Julie. **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea**: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 14, p. 227–256.

GRAÚNA, Graça. **Escrevivência**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 19–25.

GUESSE. Érika Bergamasco. **Prática escritural indígena: língua e literatura fortalecendo a identidade e a cultura**. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de. **Decolonizar é preciso**: o desafio de um pensamento do outro. 1. ed. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2024.

KAIOWÁ, Alvaro de Azevedo Gonzaga. **Decolonialismo Indígena**. 3. ed. São Paulo: Matrioska Editora, 2023.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Literatura indígena**: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção.* Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap.3. p. 39-44.

MATTOS, C. A. Desenvolvimento sustentável nos territórios da globalização: alternativa de sobrevivência ou nova utopia? In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (Orgs). A geografia política do desenvolvimento sustentável Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p. 103-125.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena**: registro, oralidade e literatura – o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 7, p. 81–84.

POTIGUARA, Eva. **Abyayala Membyra Nhe'engara** - cânticos de uma filha da terra. 1. ed. Lorena: U'KA Editorial, 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

RIBEIRO, Ademario. **Literatura indígena, ancestralidade e contemporaneidade:** vozes empoderadas. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 77–88.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. cap. 2, p. 31-32.